

Jornal do Engenheiro Agrônomo

ANO 43, Maio/Junho de 2015, nº 283

Impresso fechado pode ser aberto pela ECT



**Cobertura da
Cerimônia da
Deusa Ceres** | Pág. 6

Entrevista com o
Engenheiro Agrônomo
Do Ano, Luiz Carlos Sayão
Ferreira Lima | Pág. 10



Associação de
Engenheiros Agrônomos
do Estado de São Paulo
<http://www.aeasp.org.br>

Filiada a Confederação das Associações de
Engenheiros Agrônomos do Brasil

Presidente Angelo Petto Neto
angelo.petto.neto@gmail.com

1º vice José Antonio Piedade
japiedade@ig.com.br | piedade@cati.sp.gov.br

2º vice Henrique Mazotini
henrique.mazotini@andav.com.br

1º secretário Ana Meire Coelho Figueiredo
anikka@lexxa.com.br

2º secretário Andrea Cristiane Sanches
andrea_sanches@uol.com.br

1º tesoureiro Tulio Teixeira de Oliveira
aenda@aenda.org.br

2º tesoureiro Celso Roberto Panzani
celso@cati.sp.gov.br

Diretor André Amosti
andre_amosti@hotmail.com

Diretora Francisca Ramos de Queiroz
nfr_queiroz@hotmail.com

Diretor Glauco Eduardo Pereira Cortez
glauco.cortez@uol.com.br

Diretor Luiz Ricardo Viegas de Carvalho
ricardoviegas@terra.com.br

Diretor Nelson de Oliveira Matheus Júnior
nmatheus2@uol.com.br

Diretor Pedro Shigueru Katayama
pedrokatayama@bol.com.br

CONSELHO DELIBERATIVO

Alexandre Vieira Abbud, Arlei Arnaldo Madeira, Cristiano Walter Simon, Francisco Frederico Sparenberg Oliveira, Francisco José Burlamaqui Faraco, Guilherme Luiz Guimarães, João Sereno Lammel, José Eduardo Abramides Testa, José Luis Sussumu Sasaki, José Otávio Machado Menten, José Paulo Saes, Luiz Antonio Pinazza, Mário Ribeiro Duarte, Taís Tostes Graziano, Valdemar Antonio Demétrio

CONSELHO FISCAL:

Celso Luis Rodrigues Vegro, Luis Alberto Bourreau, Luiz Henrique Carvalho.

Suplentes: André Luis Sanches, Cássio Roberto de Oliveira, Renê de Paula Posso



Órgão de divulgação da Associação
de Engenheiros Agrônomos do
Estado de São Paulo

Conselho Editorial

Ana Meire C. Figueiredo, Angelo Petto Neto, Celso Roberto Panzani, Henrique Mazotini, José Antonio Piedade e Taís Tostes Graziano

Coordenação

Nelson de Oliveira Matheus
Tulio Teixeira de Oliveira

Jornalista Responsável

Adriana Ferreira (MTB 42376)

Secretária: Alessandra Copque

Produção: Acerta Comunicação

Revisão: Verônica Zanatta

Diagramação e Ilustração: André Pitelli

Representante Comercial: Rodrigo Martelletti

Redação: Rua 24 de Maio, 104 - 10º andar

CEP 01041-000 - São Paulo - SP

Tel. (11) 3221-6322 / Fax (11) 3221-6930

redacaojea@aeasp.org.br / aeasp@aeasp.org.br

Envie mensagens com sugestões e críticas para
a editora: redacaojea@aeasp.org.br

Os artigos assinados não refletem a opinião da AEASP.
Permitida a reprodução com citação da fonte.

EDITORIAL

Há um bom tempo, participando do lançamento de um volumoso livro sobre teologia, ouvi do teólogo, ao final de sua palestra sobre o assunto, o seguinte: "Se alguém quiser vivenciar e praticar o conteúdo deste livro, afirmo que pode fazê-lo unicamente colocando o AMOR em todas as ações de sua vida".

Ao ouvir as palavras do mestre Fernando Penteadado Cardoso agradecendo a homenagem que recebia, afirmando que coloca paixão no exercício da agronomia, entendi imediatamente a ligação entre os dois fatos. Paixão é o sentimento intenso que tem a capacidade de alterar o pensamento e até o comportamento. Se colocarmos o AMOR na nossa paixão profissional, conseguiremos sempre o máximo dos resultados. Sem falsa modéstia, acredito que faço parte dos inúmeros apaixonados pela agronomia. O importante é que, fazendo parte desse conjunto, não nos acanheemos em declarar orgulho e paixão pela engenharia agrônoma.

Sinto-me gratificado e exultante ao finalizar mais uma solenidade da "Deusa Ceres" com um balanço altamente positivo. Foram meses de preparação e trabalho da comissão organizadora, formada pelos competentes diretores da AEASP. O objetivo maior da solenidade é enaltecer os que trabalham para engrandecer as atividades da agronomia. O resumo dos momentos mais importantes da ocasião estão relatados na matéria de capa deste JEA.

A entrevista com o Engenheiro Agrônomo do Ano Luiz Carlos Sayão Ferreira Lima, uma sumidade em fitossanitários, traz importante relato sobre sua vida e um histórico desse setor, que oferece uma ferramenta indispensável para os avanços da produção agropecuária brasileira.

No Especial 70 Anos, dois ex-presidentes contam como dirigiram a associação e nos remetem à nossa história.

Na seção Município em Foco, o colega Cláudio di Salvo discorre sobre sua atuação como vice-prefeito e secretário de Agricultura do município de São Carlos (SP).

O seguro rural é abordado neste JEA com o objetivo de trazer notícias sobre a atual situação desse valioso fator de produção. Ele é importantíssimo para garantir a continuidade da atividade, quando condições adversas a colocam em risco.

Conclamo mais uma vez para que todos que nos leem participem intensamente das atividades da AEASP e se filiem ao nosso quadro associativo. Assim, fortalecidos, conseguiremos concretizar nossos anseios e objetivos.

Por fim, quero comentar que todas as atividades do agronegócio necessitam da presença de engenheiros agrônomos capacitados e atualizados. Ainda neste ano, teremos duas ótimas oportunidades ligadas a esse assunto: O XXIX Congresso Brasileiro de Agronomia, entre os dias 4 e 7 de agosto, em Foz do Iguaçu (PR), e o 6º Congresso Mundial de Agronomia, durante a Expo Milano, de 14 a 18 de setembro, em Milão, na Itália. Recomendo-os.

Boa leitura!

Eng. Agrônomo Angelo Petto Neto



Rua 24 de Maio, 104 - 10º andar
CEP 01041-000 - São Paulo - SP
Tel. (11) 3221-6322 Fax (11) 3221-6930
Site: www.aeasp.org.br
redacaojea@aeasp.org.br / aeasp@aeasp.org.br

Agronomia em discussão

O 29º Congresso Brasileiro de Agronomia (CBA), que ocorrerá entre os dias 4 e 7 de agosto de 2015, em Foz do Iguaçu (PR), terá como tema central os Desafios e as Oportunidades Profissionais para os engenheiros agrônomos. A programação está dividida em três eixos temáticos: Inserção do Engenheiro Agrônomo em Projetos Integrados; Engenheiro Agrônomo e as Inovações Biotecnológicas; Formação do Engenheiro Agrônomo do Brasil: história, perspectivas e reivindicações da categoria. Em paralelo ao congresso, ocorrerá a Expo Agro, uma feira cujos participantes terão contato com entidades do Sistema Confea/CREA/Mútua, além de empresas do setor agrônomo. Saiba mais: <http://www.cba-agronomia.com.br/>.

Honraria internacional

O Conselho Mundial das Cooperativas de Crédito (WOCCU, na sigla em inglês) anunciou, na Cracóvia, na Polônia, os vencedores do Prêmio 'Distinguished Service Award', considerada a mais alta honraria concedida pelo movimento mundial das cooperativas de crédito. Entre os premiados destaca-se o engenheiro agrônomo e cooperativista brasileiro Roberto Rodrigues. Atualmente, ele é coordenador do Centro de Agronegócio da Faculdade Getúlio Vargas (GV Agro), mas soma, entre seus inúmeros títulos, os de ex-ministro da Agricultura e ex-presidente do Sistema OCB e da Aliança Cooperativa Internacional (ACI). O prêmio será entregue em julho, em cerimônia a ser realizada durante a Conferência Mundial das Cooperativas de Crédito, em Denver (EUA).



Eleições na AEASP

A eleição da AEASP para os membros do Conselho Deliberativo, da Diretoria Executiva e do Conselho Fiscal ocorrerá em 30 de junho de 2015 na sede da entidade, sob a coordenação da Junta Eleitoral. A votação será por voto secreto e direto (presencial) ou por meio de voto por correspondência (via correio). Este ano, o processo conta com uma chapa única, intitulada "Somos Agro". Para presidir a AEASP, o indicado da chapa é o atual presidente, Angelo Petto Neto. Boa parte da atual gestão concorre a cargos nas três esferas administrativas. Os associados que optarem pelo voto por correspondência precisam garantir que sua cédula chegue na AEASP até o dia 29 de junho de 2015, caso contrário não será contabilizada.

Acesse o regimento eleitoral: http://www.aeasp.org.br/estatuto_eleitoral.html

Pesquisa

Uma parceria envolvendo pesquisadores do Instituto Agrônomo (IAC), de Campinas, e do Centre de Coopération Internationale en Recherche Agronomique pour le Développement (CIRAD) tem beneficiado a pesquisa com melhoramento genético de seringueira. A ideia é fornecer aos geneticistas ferramentas adicionais que possam ser utilizadas na elaboração de mapas genéticos moleculares e no estudo da diversidade genética da espécie, que dá origem ao látex natural. O objetivo é obter novos clones em menor tempo de pesquisa e com característica de precocidade, que viabilize o início do processo de sangria aos quatro anos após o plantio.

A AEASP presta sua homenagem aos colegas que nos deixaram e oferece condolências às suas famílias.

DESPEDIDA

Acervo Pessoal



Faleceu, aos 74 anos, em 25 de maio, Sebastião Junqueira de Andrade, conhecido como Tião Medonho entre os colegas de turma da ESALQ, onde se formou em 1966, ou Tião Junqueira, para a maioria. Nasceu, viveu e morreu em Lins (SP), cidade onde fixou raízes. O engenheiro agrônomo deixa esposa, três filhos e sete netos. Um entusiasta da agronomia e da agropecuária leiteira, atuou como produtor de leite por toda a vida. Teve intensa participação na política, classista e partidária, sendo também profundamente ligado ao cooperativismo. Sócio nº 2451, foi diretor da AEASP, entre 2000 e 2003 e de 2009 a 2012, foi também o 2º vice-presidente da entidade (2003/2006) e o responsável

pela retomada do Jornal do Engenheiro Agrônomo (JEA), no início do ano 2000. Fundou o Sindicato Rural de Lins, onde foi diretor, e vice-presidente do Rotary Club de Lins. Pertenceu ao alto conselho agrícola do governo do Estado de São Paulo na gestão de Herbert Levy, como secretário central de Laticínios e foi membro da Câmara Especializada de Agronomia do CREA. Filiou-se ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), atual PMDB, partido que fez oposição ao regime militar. Mais tarde, mudou-se para o Partido da Frente Liberal (PFL), atual Democratas, tornando-se presidente da Sigla em Lins, onde foi vereador por dez anos. Participou de diretorias e conselhos de diversas cooperativas. Como bom brasileiro, gostava de futebol e apostava no time de sua cidade, por isso foi membro da diretoria e presidente do Clube Atlético Linense. Recebeu o título de Cidadão Benemérito da cidade de Lins, concedido pela Câmara Municipal. De sorriso fácil, amável e um otimista incorrigível, Tião deixa saudades.

Faleceu o colega, sócio nº 2.230 da AEASP, engenheiro agrônomo Roberto Dias de Moraes e Silva (ESALQ-1964), docente aposentado e ex-chefe do Departamento de Zootecnia (LZT) da ESALQ. Ele lecionou disciplinas de avicultura e nutrição animal em graduação e pós-graduação na ESALQ/USP, na FCAV-Unesp, Campus de

Jaboticabal, e na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ministrou, até 1999, 13 cursos sobre o "Sistema Caipira de Criação de Galinhas", em vários Estados. Foi consultor de empresas ligadas à produção animal e um dos fundadores do Centro Nacional de Pesquisas de Suínos e Aves (CNPISA) em Concórdia (SC).

Pirotecnia, pirólatras e piroquetes

*Fernando Penteadó Cardoso

A estiagem está começando, para grande prontidão dos sensores de radiação infravermelha instalados nos satélites em órbita, para inspecionar ou espionar o planeta Terra.

Esses sensíveis instrumentos irão nos transmitir, via UHF, as imagens do espetáculo pirotécnico representado por pontinhos luminosos correspondentes aos milhares de focos de calor oriundos de toda a sorte de queimadas por nosso Brasil afora. Em sua grande maioria, essas fontes térmicas decorrem da queima preparatória para plantios diversos ou para renovação de pastagens, a se iniciarem com as primeiras chuvas.

O fogo é a conclusão de longos meses de trabalho com roçadas, derrubadas, enleiramento, aceiros, avisos, licenças etc. que representam investimentos em mão de obra, horas/máquina e planejamento. Há perigo de chuva antes do tempo ou de fogo pulado do vizinho antes da hora, casos em que a roça não queimará bem, com consequências desfavoráveis para os objetivos programados muitos meses antes.

As vibrações hertzianas chegam às antenas parabólicas do INPE em Cuiabá (MT), Cachoeira (SP) e outros locais, onde são traduzidas em fotos. O mapa do Brasil cheio de pontinhos brancos excita a imaginação dos piroquetes com suas conclusões levianas, precipitadas e bombásticas: "Incendiários estão devastando a Amazônia, o cerrado e os campos nativos do país!".

Políticos e comentaristas, na faina de ganhar prestígio ou popularidade, repetem pela mídia informações falsas e enganosas que sensibilizam as grandes massas urbanas. Esses caçadores de lobo desconhecem - o que é pena -, ou omitem - o que é má-fé - o fato de que a grande maioria dos focos de calor representa o trabalho de pequenos posseiros e lavradores, que estão ultimando a tarefa que antecede o plantio das roças que lhes asseguram alimento e renda para sua sobrevivência.

Outros focos vêm da queima dos campos e varjões para que o gado se sustente da brotação subsequente. Brotos novos suculentos e vitaminados alimentam herbívoros vários, além de insetos sugadores e cortadores que, por sua vez, servem de alimento para pássaros e papa-formigas. Há uma explosão de vida e de pro-

criação decorrente da abundância alimentar.

Alguns focos podem indicar a destruição pelo fogo da galhada arbórea, após roçada (broca) e derrubada, operações de altos custos, devidamente autorizadas. Em face do investimento e do risco envolvido, são muito poucas as queimadas de derrubadas clandestinas de mata alta, que dificilmente pega fogo enquanto não abatida.

Mais frequentes são os incêndios de pastos plantados ou nativos, destruindo reservas forrageiras, bem como de canaviais por vezes ainda imaturos. Criadores e produtores sentem-se impotentes para conter o fogo que salta distâncias em dias de vento quente do quadrante NE/NO.

Esses incêndios devastadores se originam de queimas visíveis e/ou da maldade dos pirólatras criminosos que não vencem a tentação de acender um fósforo na moita de folhas secas ou ainda dos fumantes irresponsáveis que atiram bitucas acesas para dentro da vegetação ressequida. Resultam em grandes fogos incontrolláveis, por vezes às barbas das polícias florestais, como aconteceu nos arredores de Brasília no inverno seco de 1999.

Toda essa gama de situações tão diversas não é distinguida pelos sensores distantes, que apenas nos enviam sinais de focos de calor. Assim, os relatórios do INPE deveriam permanecer na alçada de especialistas responsáveis, para que não venham a alimentar falsas notícias ou maldosas conclusões dos nossos irrequietos e irresponsáveis piroquetes e pirólatras amantes da pirotecnia.

Fonte-Boletim Manah aos Conselheiros nº 208, julho 1999 - Reeditado

***Fernando Penteadó Cardoso** é engenheiro agrônomo sênior, USP-ESALQ, 1936 - Produtor de cana em Mogi Mirim (SP).



Divulgação

PARABÓLICA

Agronomia em alta



A Unesp divulgou a relação candidato/vaga do vestibular de meio do ano 2015, com total de 16.630 inscritos. O curso que registrou o maior aumento na procura foi engenharia agrônoma, subindo de 13,6 candidatos por vaga para 22,1, aumento de 63%. Em matéria publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, o coordenador do curso da agronomia de Ilha Solteira, Fernando Tadeu de Carvalho, avalia que o crescimento é reflexo do bom momento desse mercado. "Os alunos se formam e arrumam emprego, principalmente em multinacionais de defensivos agrícolas, grandes empresas de adubação e usinas de cana-de-açúcar. As empresas entrevistam os candidatos aqui antes mesmo de se formarem", declarou o coordenador.

GHS no Brasil

*Tulio Teixeira de Oliveira

GHS é o Sistema Globalmente Harmonizado de Classificação e Rotulagem de Produtos Químicos, conforme estabelecido na Convenção 170 da Organização Internacional do Trabalho, assinada em 25 de junho de 1990, em Genebra, na Suíça. O Brasil, como signatário da convenção, promulgou sua plena vigência, por meio do Decreto nº 2.627/1998, naquilo que se refere à segurança na utilização de produtos químicos no trabalho.

A ABNT fez um grande esforço e elaborou a NBR 14.725, a qual está subdividida em quatro partes (Terminologia, Classificação de Perigo, Rotulagem e Ficha de Informações de Segurança). A NBR colocou prazos para o cumprimento, o que foi importante para que a indústria quebrasse a inércia. Hoje, grande parte dos produtos químicos perigosos, dos mais diversos setores, tem seus rótulos de acordo com a NBR. É importante frisar, ainda, que a NBR deixa claro que os setores produtivos já regulamentados em relação à rotulagem não devem deixar de atender à sua legislação específica. Assim, a data limite de 1º de dezembro de 2015 dada pela ABNT para que os rótulos de produtos formulados estejam na conformidade do GHS não é autoaplicável para os pesticidas agrícolas, porquanto estes, obrigatoriamente, devem atender à Lei nº 7.802/89 e ao Decreto nº 4.074/02 em sua rotulagem.

O sistema GHS gerencia a sinalização para o trabalhador e público em geral de acordo com a categoria e as subcategorias de periculosidade do produto, obtida com testes toxicológicos e ambientais. Acertada sua subcategoria em cada item de periculosidade, é necessário apresentar a palavra perigo (risco grave) ou atenção (risco menor), conforme o caso, frases de perigo definidas para aquela subcategoria, frases de prevenção gerais ou para emergências ou para armazenamento e pictogramas quando forem necessários. Por exemplo: para corrosão/irritação da pele, um produto pode ser enquadrado em uma das cinco categorias (1-A, 1-B, 1-C, 2 e 3); e, para cada uma dessas subcategorias, foram definidas frases atinentes àquela categoria em particular.

No Brasil, a Lei nº 7.802/1989 já trazia norteammento para esses alertas ao trabalhador, usuário e público, e seus Decretos Regulamentadores detalharam como seria essa sinalização

do perigo, inclusive com modelo padrão para os rótulos dos produtos. O rótulo deve conter três colunas, uma para frases atinentes à saúde humana, outra com precauções ao meio ambiente e a do meio para identificação do produto. Além disso, o rótulo deve apresentar uma faixa em toda a sua extensão na parte inferior com a cor da classificação do produto. A cor deve ser de acordo com uma das quatro classificações adotadas: Vermelha, a de maior periculosidade; Amarela, com uma periculosidade média; Verde, que exige atenção; e Azul, de menor periculosidade. Essa faixa colorida também serve de fundo para a colocação dos pictogramas necessários.

A visualização brasileira é mais direta, clara e efetiva, porém o produto só pode conter uma única faixa. E isso não reflete a real periculosidade do produto em suas várias expressões de perigo (via oral, dermal, inalatória etc.). Um produto pode ser muito irritante para os olhos e sem qualquer risco se inalado. A faixa definida no Brasil será aquela da classe de maior toxicidade, conforme o resultado dos testes toxicológicos, e assim cada faixa não mostra os variados níveis de periculosidades menores do produto.

De maneira mais racional, o GHS respeita mais a individualidade de cada subcategoria de perigo do produto, e por isso não adotou faixas coloridas. Também os critérios para delimitar cada categoria diferem significativamente entre os estabelecidos no GHS e os definidos no Brasil.

Creemos que, com algum esforço, o governo brasileiro possa fazer algumas adaptações e acatar a classificação, os limites das categorias e as frases do GHS. Afinal, o país é signatário da Convenção 170.

*Eng. Agr. Tulio Teixeira de Oliveira
Diretor Executivo da AENDA
www.aenda.org.br | aenda@aenda.org.br



Divulgação

AENDA
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS DEFENSIVOS GENÉRICOS

Agronomia na ribalta

A cerimônia da Deusa Ceres se consagra por jogar luzes sobre a atividade dos engenheiros agrônomos

Por Adriana Ferreira

Fotos: Silvia Oliveira e Sandra Mastrogiacomu



A 43ª Edição da Deusa Ceres ocorreu em 29 de abril, durante a Agrishow, no auditório do Centro de Cana IAC. A tradicional solenidade da Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo (AEASP) homenageou os engenheiros agrônomos que se destacaram em diversas áreas no ano de 2014.

Dentre as lãureas, a principal delas é a de Engenheiro Agrônomo do Ano, que foi concedida a Luiz Carlos Sayão Ferreira Lima, engenheiro agrônomo e consultor técnico da Associação Nacional de Defesa Vegetal (ANDEF) e um dos maiores especialistas em fitossanidade do país.

Outro destaque foi a homenagem ao dr. Fernando Penteadu Cardoso, fundador da Agrisus e decano da agronomia, que, em setembro, completa 101 anos de vida. Como um dos expoentes da agronomia brasileira, ele recebeu o Prêmio AEASP 70 Anos das mãos do presidente e do vice-presidente da AEASP, Angelo Petto Neto e Henrique Mazotini, respectivamente.

O evento lotou o auditório e contou com a presença de autoridades como o secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, Arnaldo Jardim; o presidente do Confea, eng. civil José Tadeu da Silva; o ex-ministro da Agricultura Roberto Rodrigues; e demais lideranças do agronegócio, engenheiros agrônomos de diversos segmentos, estudantes e o público que foi prestigiar os homenageados.

O presidente da AEASP, em seu discurso, enfatizou o papel do engenheiro agrônomo no avanço do agronegócio no Brasil e o papel do associativismo para a categoria. "É de significativa im-

O Engenheiro Agrônomo do Ano, Luiz Carlos Sayão Ferreira Lima, segura a estátua da Deusa Ceres junto com o presidente da AEASP, Angelo Petto Neto, o secretário da Agricultura, Arnaldo Jardim, e o vice-presidente da AEASP, Henrique Mazotini

portância a participação dos engenheiros agrônomos nas associações que os representam. Aproveito para conchamar os colegas no âmbito estadual a se filiarem e a participarem ativamente da AEASP. Tenho muito orgulho de estar fazendo parte desse grupo que, honorificamente, se dedica a manter viva e atuante a Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo."

O secretário Arnaldo Jardim assumiu a pasta recentemente e participou do evento pela primeira vez. O executivo havia reservado 15 minutos para sua passagem pela cerimônia, mas permaneceu até o final da celebração.

Em seu pronunciamento, Jardim destacou a amplitude das ações da AEASP. "Há muitas associações que pensam estritamente nas atribuições de seus profissionais. Isso é correto, mas não é suficiente. Eu vibro ao ver que a AEASP tem essa visão transcendental de entender o momento pelo qual passa o país e valorizar o papel do agronegócio e particularmente da nossa agronomia e da produção agropecuária", elogiou.

O secretário saudou os presentes e, em particular, o presidente do Confea, José Tadeu, os homenageados, Fernando Penteadu Cardoso e Manoel Ortolan, e também o ex-ministro Roberto Rodrigues, a quem teceu elogios. "Roberto Rodrigues é um orienta-



O tesoureiro da AEASP, Celso Panzani, entrega um presente da AEASP ao secretário da Agricultura, Arnaldo Jardim

dor das minhas iniciativas, um conselheiro”, revelou.

Para o Engenheiro Agrônomo do Ano, Luiz Carlos, o secretário da Agricultura trouxe um recado: “Sou portador dos cumprimentos do governador Geraldo Alckmin ao senhor, que na questão de proteção às plantas, de perspectiva de produtividade e de sanidade vegetal tem esse trabalho emérito e que hoje será reconhecido por toda a categoria. Eu quero agradecer-lo por tudo que o senhor tem produzido”.

Com a humildade dos sábios e um raciocínio límpido, o centenário Fernando Penteado Cardoso fez um rápido pronunciamento ao subir ao palco para receber sua honraria. “É uma grande emoção. Meu agradecimento por essa gentileza da nossa associação. É uma ousadia de minha parte dirigir a palavra a vocês. Não se trata de um discurso, mas estou exercendo a profissão de engenheiro agrônomo por quase 80 anos, exatamente 79 anos. Valeu a pena. Exerci a profissão no mínimo com paixão. Com eficiência ou não, os outros que me julguem. Mas o meu sentimento foi sempre a paixão pela agronomia. E espero, com o meu trabalho, ter sido útil ao meu país.” Ele foi ovacionado pela plateia.

Julio Cezar Durigan, professor e reitor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), recebeu o galardão de Engenheiro Agrônomo Emérito. Exultante, ele falou da satisfação de ser reconhecido por seu trabalho. “Quando soube dessa homenagem e que um dos motivos para ser indicado é que sou o primeiro engenheiro agrônomo a ocupar a reitoria de uma das três universidades públicas paulista, fiquei muito sensibilizado e honrado de estar representando a minha profissão e meus colegas.”

O reitor da Unesp contou que, desde muito jovem, sonhava em ser um eng. agrônomo respeitado por seus pares. “Não pensei em ser famoso, mas sempre tive vontade e trabalhei muito para ser reconhecido.” De forma poética, ele definiu seu ofício: “É difícil ser agrônomo sem ter amor à terra, às plantas, às pessoas. O amor embeleza nosso trabalho e é a água que toca o moinho das nossas vidas e da nossa profissão”.

O paisagismo

Este ano, a AEASP reeditou a Medalha Joaquim Eugênio de Lima para demonstrar a participação dos engenheiros agrônomos na área de paisagismo. O eng. agrônomo Joaquim Eugênio foi o responsável pelo projeto de loteamento e o paisagístico da



Prêmio AEASP 70 Anos
Fernando Penteado Cardoso é reverenciado pelo presidente e vice-presidente da AEASP, Angelo Petto Neto e Henrique Mazotini

Avenida Paulista, incluindo o Parque Trianon, dentre outros feitos.

O agraciado com essa láurea foi Harri Lorenzi, eng. agrônomo, especialista em plantas nativas, fundador do Instituto Plantarum, único herbário privado do Brasil, e pioneiro na edição de publicações no ramo botânico no país, tendo catalogado mais de 15 mil espécies.

O profissional contou que sempre teve grande preocupação com a informação, principalmente sobre plantas. “Atuo também na área de paisagismo, voltado para a educação, por intermédio do Jardim Botânico. Todos estão convidados a conhecer o Jardim Botânico Plantarum, em Nova Odessa, no interior do Estado. Quando começamos com as publicações sobre plantas, em 1976, só existiam publicações estrangeiras, depois ocupamos esse espaço.” Ele agradeceu à AEASP pela deferência e finalizou: “Apesar dos protestos dos arquitetos, o paisagismo ainda é uma atividade do engenheiro agrônomo”.

Medalha Fernando Costa

A Medalha Fernando Costa leva o nome do eng. agrônomo, formado pela ESALQ, ex-secretário da Agricultura de São Paulo e ministro da pasta. Costa fundou o Instituto Biológico e o Parque da Água Branca, realizou pesquisas de exploração de petróleo, criou o Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas e os Serviços de Informação Agrícola e Economia Rural. Impulsionou a cultura do trigo no país, dentre outras inúmeras realizações.

O galardão que leva o nome desse realizador foi entregue aos seguintes engenheiros agrônomos: Categoria Ação Ambiental, Zuleica Maria de Lisboa Perez; Categoria Cooperativismo, Manoel Ortolan; Categoria Defesa Agropecuária, Geysa Pala Ruiz; Categoria Ensino, Sinval Silveira Neto; Categoria Extensão Rural, Sylmar Denucci; Categoria Iniciativa Privada e/ou Autônomo, Luiz Rossi Neto; e Categoria Pesquisa, José Osmar Lorenzi.

Coordenadora de Planejamento Ambiental da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo e do Programa Estadual de Resíduos Sólidos, Zuleica declarou sua emoção ao ser contemplada com o prêmio. “Existem duas escolhas na minha vida que foram fundamentais. A primeira foi ter escolhido ser engenheira agrônoma. E a segunda foi ser uma servidora pública. Tenho



Categoria Cooperativismo
Tulio Teixeira de Oliveira entrega a medalha a Manoel Ortolan



Categoria Pesquisa
José Osmar Lorenzi recebe das mãos da 1ª secretária da AEASP, Ana Meire Figueiredo, sua medalha



Engenheiro Agrônomo Emérito
Glauco Eduardo P. Cortez concede o galardão a Julio Cezar Durigan

muito orgulho de ser uma servidora pública. E o que me traz esse prêmio foi um trabalho desenvolvido na Secretaria de Meio Ambiente, mas que tem toda a base na Secretaria da Agricultura.”

Responsável pelo programa de melhoramento e lançamento de novas variedades do Departamento de Sementes Mudas e Matrizes da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), órgão da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (SAA), Sylmar Denucci, aproveitou o espaço da cerimônia para enaltecer a extensão rural e fazer um apelo ao secretário da Agricultura. “Eu não sei quem ousou indicar meu nome, mas uma coisa foi acertada, a categoria. Eu iniciei na CATI como extensionista rural, sempre trabalhei como extensionista e vou me aposentar com a sensação de continuar sendo extensionista rural. Eu queria pedir ao nosso secretário que não deixe a área de sementes e mudas morrer.”

O eng. civil Carlos Eduardo N. Alencastre e o eng. agrônomo Geraldo Geraldi Junior, presidente e diretor da Associação de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Ribeirão Preto (AEAARP), entregaram a medalha para Sylmar e aproveitaram a ocasião para exaltar a trajetória do colega. “Sylmar, que você receba nossa gratidão e nosso reconhecimento pelo seu trabalho. Muito obrigado!”, discursou Alencastre.

Manoel Ortolan, emocionado, agradeceu às pessoas que contribuíram para o seu sucesso profissional e pessoal e às organizações nas quais atuou. “Estou muito feliz por ser eng. agrônomo, a profissão que abracei com muito carinho, e por estar recebendo essa homenagem justamente da minha associação e na presença de nosso maior representante do cooperativismo, o querido ministro Roberto Rodrigues. A conquista dessa honraria não representa apenas o esforço de um indivíduo, mas a mobilização de todos aqueles que colaboraram no decorrer de minha carreira profissional para a superação das dificuldades.”

Especialista em defesa sanitária vegetal e ex-funcionária da Coordenadoria de Defesa Agropecuária do Estado de São Paulo, Geysa Pala Ruiz falou de sua surpresa e alegria ao saber da deferência. Ela agradeceu e compartilhou o prêmio com toda a equipe da Coordenadoria de Defesa Agropecuária. “As ações da coordenadoria muitas vezes são impopulares. Uma pessoa, por mais que esteja comprometida, jamais vai ter resultados positivos sozinha. A nossa equipe é multidisciplinar e muito eficiente. Todos os setores da Secretaria de Agricultura e Abastecimento compõem uma excelente escola para os agrônomos”, ressaltou a profissional.

Ao receber o galardão, Sinval Silveira Neto, entomologista e professor da ESALQ, responsável pelo Museu de Entomologia da Universidade, declarou que a AEASP tornou seu final de carreira mais apoteótico. Ele agradeceu aos amigos, aos colegas da ESALQ e o apoio da família. E chamou ao palco o neto Rafael, para quem ele dedicou o prêmio.

Luiz Rossi Neto é diretor-presidente da Agross Insumos da Bio-ciência e foi homenageado pelos relevantes serviços prestados ao agronegócio, em especial pela inovação tecnológica na distribuição dos defensivos agrícolas. Ele dedicou a honraria aos seus pais e à sua equipe profissional. “O Brasil tem diversos brasis, tem uma agricultura que se estabelece nos lugares mais enfiados e esquecidos, e eu tive um sonho de levar tecnologia para essa agricultura que estava longe. Não foi fácil. Mas um sonho sonhado sozinho é apenas um sonho e um sonho sonhado junto é uma realidade. Por isso quero dividir esse sonho com a minha equipe.”

José Osmar Lorenzi, pesquisador aposentado do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) é um dos principais especialistas em mandioca no país. Sorridente, ele falou brevemente. “Quero agradecer à AEASP, na pessoa de seu presidente e diretores, pela homenagem a qual me honra muito e da qual não irei me esquecer tão cedo. Agradeço à minha família e à minha mulher, Helena, que soube tolerar durante tanto tempo as idiosincrasias desse atribulado pesquisador. Também ao meu irmão João Carlos, responsável pela construção e melhoria de muitas estradas em São Paulo e no Rio de Janeiro, e ao meu nobre amigo dr. Nelson Sabino, o diretor do IAC que mais apoiou as pesquisas com mandioca e em nome do qual agradeço todos os pesquisadores do Estado de São Paulo.”

O Engenheiro Agrônomo do Ano, Luiz Carlos Sayão Ferreira Lima, é uma referência na área de fitossanitários no Brasil. Com quase 60 anos de atuação, ele diz que ficou surpreso ao receber a notícia de sua premiação, por meio de um telefonema do presidente da AEASP, e que se sentiu honrado e satisfeito com o tributo. “É um privilégio que ficará marcado para sempre na minha memória. Se há uma coisa da qual muito me orgulho, foi a profissão de engenheiro agrônomo que abracei e a qual venho me dedicando há quase 60 anos.” Ao dirigir-se à plateia, ele fez questão de saudar as autoridades, os demais homenageados, os colegas de turma, e nomeou uma série de pessoas que fizeram parte de sua história profissional, além das organizações nas quais trabalhou. Também agradeceu à sua família e à esposa, Maria Regina.

Currículo

O eng. agrônomo Alexandre de Sene Pinto, professor da Faculdade Moura Lacerda e ex-conselheiro do CREA-SP, fez uma apresentação durante a cerimônia da Deusa Ceres para enfatizar o papel dos profissionais da agronomia na agricultura moderna e destacou a importância da emissão da Anotação de Responsabilidade Técnica (ART) para os eng. agrônomos. “A ART é que garante uma certidão de direitos autorais. Ela é obrigatória inclusive nas licitações públicas, um registro do trabalho do engenheiro agrônomo. O conjunto das informações do nosso trabalho nos dá o nosso currículo.”





O palestrante Alexandre de Sene falou sobre a importância da ART



A conselheira da AEASP, Tais Tostes Graziano, entrega a Medalha Joaquim Eugênio de Lima a Harri Lorenzi



Os mestres de cerimônia, Paulo P. Peixoto e Francisca Ramos de Queiroz



Estudantes de engenharia agrônoma da Faculdade Cantareira, na capital paulista, participam da Deusa Ceres e aproveitam para visitar a Agrishow



Categoria Defesa Agropecuária
O diretor da AEASP, Ricardo Viegas, entrega a medalha à Geysa Pala Ruiz



Categoria Ação Ambiental
Nelson de Oliveira Matheus, diretor da AEASP, concede a láurea à Zuleica Maria de Lisboa Perez



Categoria Ensino
Sinval Silveira, ao centro, recebe a medalha do conselheiro da AEASP, Cristiano Valter Simon, e do diretor da ESALQ, Luiz Gustavo Nussio



Categoria Extensão Rural
Sylmar Denucci recebe prêmio de Carlos Eduardo N. Alencastre e Geraldo Geraldi Junior, presidente e diretor da Associação de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Ribeirão Preto (AEAARP)



Categoria Iniciativa Privada e/ou Autônomo
O tesoureiro da AEASP, Celso Roberto Panzani, transmite o galardão a Luiz Rossi Neto

Agronomia na TV

O autor de novelas Benedito Ruy Barbosa foi contemplado pela AEASP com o Destaque em Comunicação Rural pela abordagem do universo rural em seus trabalhos e em especial pelo reconhecimento e valorização do trabalho do engenheiro agrônomo na novela *Meu Pedacinho de Chão*.

Porém, ele não pôde comparecer à cerimônia da Deusa Ceres, pois sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC) que o deixou com dificuldades de locomoção. O novelista, no entanto, encaminhou uma carta ao presidente Angelo expressando sua gratidão pela honraria e lamentando o fato de não ter condições físicas para estar presente.

Dias depois da solenidade, Angelo ligou para o novelista e perguntou-lhe se poderia entregar-lhe a láurea pessoalmente. Amistoso, Benedito fez questão de receber Angelo, juntamente com a 1ª secretária da AEASP, Ana Meire Figueiredo, e a diretora Francisca Ramos de Queiroz em sua residência, na capital paulista. Angelo, pôde,

então, entregar a placa da AEASP em mãos, além de um CD com as fotos da cerimônia da Deusa Ceres e um presente enviado pela diretoria da ESALQ.

Apesar do problema de saúde, o autor se apresentou bem disposto e foi um anfitrião caloroso. Como se pode imaginar, Benedito é um contador de casos, por isso durante quase uma hora a conversa correu solta. Dentre os muitos assuntos, ele falou de suas origens, da paixão pelo campo e contou que junto com o neto está escrevendo mais uma novela para a TV Globo. O dramaturgo revelou ainda que é um ótimo tocador de berrante e que na novela *Pantanal*, um de seus grandes sucessos, era ele quem tocava o instrumento, presente em quase todos os capítulos.

Aos 84 anos, o homem que dispõe de uma sala para abrigar os prêmios que ameculhou ao longo de sua carreira, reforçou quanto a homenagem da AEASP o tocou porque jamais imaginou ser reconhecido por uma



O presidente da AEASP entrega prêmio ao dramaturgo Benedito Ruy Barbosa

associação de engenheiros agrônomos e destacou o fato de os membros da entidade terem tido a atenção de lhe entregar a honraria em sua casa. Ao final, a sensação dos diretores da AEASP foi a de quem visitou um velho amigo.

Luiz Carlos Sayão Ferreira Lima

Por Adriana Ferreira

O Engenheiro Agrônomo do Ano, da AEASP, é um carioca da gema e estudou engenharia agrônômica na Escola Nacional de Agronomia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Embora tenha tido pouco contato com o campo, Luiz Carlos Sayão Ferreira Lima sempre se interessou pelos assuntos relacionados ao meio rural, segundo ele, por influência de seu pai, o engenheiro agrônomo Luiz Armando David Ferreira Lima, que era o representante do Ministério da Agricultura no Estado da Guanabara.

Ele é casado com Maria Regina há 48 anos e tem dois filhos, Paula e Renato David, que nasceram em São Paulo, pois, em 1965, ele e a esposa se mudaram para a capital paulista, em razão de seu trabalho na Shell, companhia na qual trabalhou por 32 anos, passando por diversas funções e departamentos, e só saiu após a sua aposentadoria.

Depois de aposentar-se, Luiz Carlos levou sua vasta experiência para a Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef), onde se consolidou como um dos maiores especialistas em fitossanidade do país e no qual ocupa hoje o cargo de consultor técnico da entidade. Nesta entrevista ao JEA, conhecemos mais sobre o trabalho desse ilustre engenheiro agrônomo e sobre o segmento no qual ele atua.

■ Após formado, como encaminhou sua carreira?

Tão logo me formei, em dezembro de 1957, fui trabalhar no setor privado, na Divisão de Produtos Químicos Agrícolas da Shell, onde permaneci durante 32 anos, submetido a intenso treinamento durante todo esse período, participando de cursos de administração e de negócios no Brasil, no Reino Unido, na Holanda e nos Estados Unidos. Posso dizer que atuei em todas as áreas ligadas ao setor: promoção e propaganda, registro de produtos, assistência técnica, gerência de produtos, gerência de vendas, treinamento de pessoal e, nos últimos 15 anos, como responsável pelo setor de pesquisa e desenvolvimento de novos produtos. Depois de minha aposentadoria na Shell, trabalhei seis meses numa consultoria com a então Ciba-Geigy – hoje Syngenta – quando fui convidado a ingressar na Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef) como seu diretor técnico.

■ Quais eram as disciplinas que mais lhe interessavam na faculdade?

Durante o curso de agronomia, meu foco principal foram as cadeiras ligadas à defesa fitossanitária: fisiologia vegetal, entomologia, fitopatologia, ciência das plantas daninhas, agrícoltas gerais e especial.

■ Como iniciou sua atuação na Andef?

Comecei a frequentar a Andef desde o seu nascedouro, em 1974, – a Shell foi uma de suas empresas fundadoras –, par-

ticipando de vários grupos de trabalho e, já em 1979, representava a companhia como titular no seu Conselho Diretor. No período de 1990 a 2004, como diretor técnico da Andef, participei junto com o Cristiano W. Simon, à época, presidente-executivo, da criação da Federação da Indústria e Comércio de Agroquímicos do Cone Sul (Ficasur), iniciativa que envolveu as associações dos setores de defensivos agrícolas do Brasil, da Argentina, do Paraguai, do Uruguai e do Chile, como órgão representativo junto ao Comitê de Sanidade Vegetal do Mercosul (Cosave). Com a edição da Lei nº 7.802/1989 (Lei dos Agrotóxicos) e, com a necessidade de sua regulamentação, participei no Grupo de Trabalho, criado na Andef, para a defesa dos interesses do setor, trabalhando em colaboração com as empresas associadas e em contato direto com os órgãos do governo federal. Participei, junto com Cristiano W. Simon, Ewald Drummond, Luis Felipe Fontes e Carlos A. Albert, dos entendimentos realizados na área parlamentar e junto a órgãos públicos federais para que se chegasse a uma lei prática e viável sobre a destinação final de embalagens vazias de defensivos agrícolas, concretizada com a edição do ato regulador e a criação do Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias (inpEV).

■ Quais as razões para o Brasil ser um dos maiores consumidores de defensivos agrícolas do mundo?

O Brasil hoje se situa como o maior mercado de defensivos agrícolas do mundo. Esse fato é realmente correto, mas precisa ser devidamente explicado. Os países que mais utilizam os defensivos agrícolas são aqueles considerados como os de maior desenvolvimento, a exemplo dos países da Europa, dos Estados Unidos, do Canadá e do Japão. Todos eles com uma característica comum, não existente no Brasil, que são os invernos rigorosos, período em que não é possível a condução de uma agricultura a céu aberto. Não é o caso do nosso país, que, em algumas regiões, é possível, numa mesma área e em dois anos calendário (24 meses), se fazer cinco colheitas. Isso é impossível naqueles países citados. Além disso, é preciso levar em conta que o clima brasileiro, com temperaturas mais elevadas e sem invernos rigorosos, propicia maior incidência de pragas, doenças e plantas invasoras, o que obriga a controles fitossanitários com maior frequência.

■ Qual o papel do engenheiro agrônomo na orientação ao agricultor?

É grande a importância do engenheiro agrônomo na orientação aos agricultores no sentido de ampliar o conhecimento sobre as boas práticas agrícolas, principalmente no que diz respeito ao uso correto e seguro dos produtos fitossanitários. E nisso a Andef e suas associadas vêm se destacando por meio de diferentes programas de treinamento envolvendo

Dono de um currículo notável, o especialista em fitossanidade é o Engenheiro Agrônomo do Ano da AEASP

técnicas de manejo integrado de pragas, tecnologias de aplicação de produtos, calibração de pulverizadores, emprego de equipamentos de proteção individual (EPIs), cuidados no transporte e armazenamento de produtos.

■ Quanto aos produtos, quais foram os principais avanços?

Houve notável redução nas doses de utilização, quando se comparam doses de uso dos produtos lançados no mercado nas décadas de 1960 e 1970 com as doses de uso dos produtos lançados nas décadas de 1990 e na primeira década do ano 2000: herbicidas com redução de até 88%, inseticidas/acaricidas com redução de 82% e fungicidas, redução de 83%. O mesmo se pode dizer em relação à toxicidade relativa dos produtos que tiveram reduções expressivas quando comparados aos mesmos períodos. Também foram obtidos avanços na área de formulação dos produtos, com concentrações mais adequadas para maior facilidade na dosagem de preparo das caldas de pulverização.

■ Produtores de pequenas culturas reclamam que não há defensivos específicos para essas plantas. Por que isso acontece?

Esse é um problema que não afeta apenas o Brasil, mas a maioria dos países, inclusive, os de agricultura desenvolvida. Como exemplo cito a situação dos Estados Unidos em que o Programa IR-4 (The IR-4 Project), iniciado em 1963, ainda está longe de chegar ao seu final. Esse programa, de mais de 50 anos, envolvendo Associações de Produtores, Empresas Processadoras de Alimentos, Agência de Proteção Ambiental EPA, Departamento de Agricultura USDA e a Indústria de Defensivos Agrícolas, ainda continua operando com projetos de geração de dados definidos anualmente. Nosso país vem tratando desse problema com regulamentação editada e projetos em andamento, com a participação das empresas do setor. Temos ainda um longo caminho a percorrer.

■ Quais oportunidades de trabalho o senhor enxerga para os engenheiros agrônomos nos próximos anos?

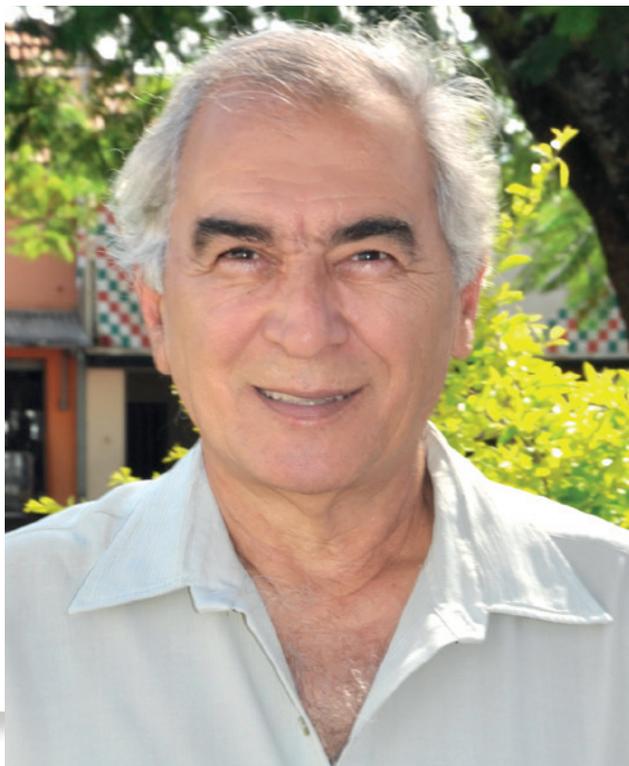
Ante vejo boas oportunidades para a classe agrônômica. O crescimento demográfico mundial e a conseqüente necessidade de aumento do suprimento de alimentos fazem do Brasil o principal polo de produção, considerando os avanços da nossa tecnologia agrícola e a possibilidade de aumento considerável das áreas disponíveis para agricultura e pecuária.



Foto: Sandra Mastrogiacomo

■ O que representou para o senhor ser reconhecido pela AEASP, na tradicional Cerimônia da Deusa Ceres?

Foi uma grande alegria ter sido apontado pela AEASP como Engenheiro Agrônomo do Ano. Tenho um orgulho muito grande da profissão que abracei e não poderia haver maior satisfação do que ter sido escolhido para receber o Prêmio Deusa Ceres.



Por Sandra Mastrogiacomio

O engenheiro agrônomo Guido José da Costa, 62 anos, é formado pela ESALQ, turma de 1975. Nascido em Altinópolis, interior de São Paulo, é filho de produtor rural.

Vive em Santa Rita do Passa Quatro (SP), está casado há cinco anos com a assistente social Andrea Tazima Carvalho, com quem tem um filho de três anos, João Pedro. Ele ainda tem três filhos do primeiro casamento, um neto e uma neta.

Com vasta experiência, já atuou em diversas áreas, entre elas, pecuária, cultura do milho e plantas ornamentais. Foi gerente de fazendas e assessor de prefeitos. Hoje, trabalha com assessoria a municípios e está com um contrato de assistência técnica em hortas em Osasco, Região Metropolitana de São Paulo.

De espírito sindicalista, teve participação ativa em diversas entidades da agronomia como a Federação das Associações de Engenheiros Agrônomos do Brasil (FEAB) e a Associação Brasileira de Agribusiness (Abag). Aos 39 anos, em 1992, chegou à presidência da AEASP, onde permaneceu até 1997. Nesta entrevista ao *Jornal do Engenheiro Agrônomo*, Guido fala sobre os três mandatos consecutivos como presidente da associação.

O que o motivou a fazer engenharia agrônômica?

Foi a influência do trabalho árduo do meu pai, um herói... estudou até o ginásio e era autodidata. Foi um pequeno agricultor de café e pastagens em Altinópolis e, com um pequeno sítio, conseguiu formar três filhos. Infelizmente, ele morreu cedo, tinha apenas 54 anos. A minha mãe, já falecida, foi contadora e viveu até os 86 anos.

Como resume sua trajetória profissional?

No ano seguinte em que me formei, fui para o Departamento de Águas e Energia Elétrica (DAEE). Era o ano de 1976, e no DAEE tive a oportunidade de trabalhar e aprender com Geraldo Leite, o Fuinha, na introdução das cooperativas de eletrificação rural. Trabalhei muito no "fundão democrático", como chamávamos a região de Jales. Também estive na Ceagesp como diretor do Departamento de Pescados a convite do então secretário da Agricultura Nelson Nicolau, grande amigo e estadista. Nesse período, consegui incluir a AEASP no Conselho de Administração da Codasp por conta do projeto SOS Solos. Após esses dois



EM 2014, a AEASP comemora sete décadas de sua fundação e, para celebrar a data, o JEA trará, a cada edição, uma matéria ou entrevista especial com engenheiros agrônomos que ajudaram a construir a história da associação.

empregos, fui ser agrônomo. Fiz diagnósticos e perspectivas de melhorias na renda de propriedades rurais e, em uma delas, o proprietário pediu que eu implantasse tudo que sugeri para a melhoria da propriedade. Também gerenciei propriedades em Pereira Barreto (SP) e Itapura (SP) até entrar para a política de Santa Rita do Passa Quatro, em 2005, como diretor-administrativo da prefeitura. Nesse cargo, pude colocar em prática aspectos defendidos na AEASP, como subsídio ao uso de calcário, introdução de leguminosas e arborização urbana e rural com 3 mil árvores na entrada da cidade, mais de 20 mil na represa de abastecimento de água, e criação do Departamento de Agricultura e Meio Ambiente.

Cite um momento marcante durante sua passagem pela AEASP.

Na AEASP, foram muitos, mas dois aconteceram no segundo mandato (1994-1995) e nunca saem do meu pensamento: um foi quando articulamos o lançamento do Movimento SOS Solos e, na mesma semana, o então governador Fleury convocou uma reunião do secretariado com o conselho de desenvolvimento. Alguns membros quiseram cancelar, mas fomos até o final com duas grandes confirmações, uma do então secretário Barros Munhoz e a outra de Sergio Magalhães, da Abimaq. O lançamento foi no auditório do CRC e teve até matéria no *Bom Dia São Paulo*. O segundo foi quando inscrevemos a Paula, nossa gerente de embalagens, para apresentar na Alemanha o trabalho de destino de embalagens vazias de agrotóxicos feito pela AEASP e pela Andef e realizado junto à Cooperativa de Guariba (SP). Foi uma demonstração de maioria do nosso país e uma lição para o mundo.

O que o levou a participar de tantas associações?

Foi o desejo e a vontade de valorização da profissão e do agrogonégio. Já conhecia a AEASP na faculdade, e logo depois da minha formatura me associei e participava dos trabalhos e da retomada da associação participativa, do Sindicato dos Engenheiros e como representante junto ao CREA. Fui da equipe do JEA e me candidatei à presidência em 1983, mas fui derrotado pelo Sinézio Martini, que me chamou para trabalhar com ele e o amigo Carlos Cortês. Em 1992, me candidatei novamente e consegui a presidência, e foi algo natural por conta do trabalho que vinha desenvolvendo há tantos anos e pela minha articulação, em especial, com os colegas de cooperativas e empresas privadas.

ENTREVISTA

Guido José da Costa

Como foi seu primeiro mandato na AEASP?

O primeiro foi o mais marcante, porque foram implantadas a gestão de projetos e a abertura de novas delegacias regionais. Surgiu a nova cara da associação, com projetos sendo dirigidos por colegas que interagiam com entidades e empresas.

O trabalho era difícil pela falta de interesse dos associados, que foi diminuindo com a entrada de colegas mais novos, os quais participavam ativamente, assim como os colegas de cooperativas que entraram para a AEASP por meio de um trabalho dirigido que fizemos junto às delegacias regionais, que passaram a participar dos fóruns regionais, em conselhos municipais e com posicionamento nas questões técnicas e políticas. Após as eleições municipais, fazíamos encontros com prefeitos para discutir programas de geração de renda e emprego por meio da agricultura. As delegacias faziam os convites e até vinham junto com os prefeitos. Outro fator que contribuiu para o nosso sucesso é que tivemos muita atenção da imprensa e escrevíamos artigos para os jornais especializados e locais.

Quais foram os pontos fortes e fracos nas suas gestões?

Como ponto fraco destacaria as finanças, pois o que conseguíamos arrecadar nunca era suficiente para cobrir as despesas. Mesmo com o aumento de sócios, os valores arrecadados eram insuficientes para uma entidade de grande atuação. Como ponto forte, destaco os programas de destino das embalagens de agrotóxicos, o SOS Solos e o Plasticultura.

A característica principal de minhas gestões foram as inserções dos programas dirigidos por colegas contratados e em parceria com empresas e entidades, as quais bancavam os custos das embalagens e da Plasticultura, além de cursos para o público em geral e, especificamente, para os colegas.

Quais as características desses programas?

O programa de Plasticultura, que foi gerenciado pela engenheira agrônoma Renata Ingrid Longo, começou com uma reunião entre as empresas. O objetivo era entrarmos na luta pela retirada

do ICMS, pois os insumos, de modo geral, já eram beneficiados, mas ficou esse imposto. Então, surgiu a ideia de fazer cursos para treinar colegas. Formou-se um *pool* de empresas patrocinadoras do programa em São Paulo. Posteriormente, o curso foi inserido em outros Estados.

O SOS Solos visava ao mapeamento dos solos do Estado e articulamos para ser um fórum das entidades do *agribusiness*. Depois, fizemos uma modificação no orçamento e retiramos uma verba de R\$ 6 milhões, que era para a limpeza de córregos do DAEE, e passamos para o Instituto Agronômico. Isso foi possível porque conseguimos a aprovação do governador, que se comprometeu. O destino de embalagens ocorreu graças à grande interação de trabalho entre a AEASP e a Andef, principalmente para a implantação do receituário agronômico, pois as embalagens eram um problema, já que não tinham um destino correto. A partir daí, surgiu a ideia de se estudar alternativas, aproveitando o que já havia nos demais países. Assim que conseguimos a aprovação das diretorias e dos conselhos, contratamos como gerente de projeto a nossa colega Paula Vaz Miranda e escolhemos o local de campo e a indústria de reciclagem. O passo seguinte foi buscar a parceria de uma cooperativa e a escolhida foi a de Guariba por ter a melhor assistência técnica na época. Fizemos reuniões com a cooperativa e com cooperados para iniciar o recebimento das embalagens. Em 20/10/1994, foi requerida a patente, pois o projeto estava comprovadamente dando certo.

Em sua opinião, qual o papel do associativismo para os engenheiros agrônomos?

O associativismo é muito importante para a defesa da profissão. Infelizmente, tivemos perdas que atrasaram todo o processo, como a morte do Ney Bittencourt, da Agroceres, e a saída do Sérgio Magalhães, da Abimaq. Eram eles que reuniam os agrônomos e estimulavam a associação entre os membros de todas as entidades do *agribusiness*. A falta deles, que eram aglutinadores natos, é uma enorme perda, pois todo aquele trabalho de articulação entre os profissionais não existe mais.



FUNDAÇÃO AGRISUS
agricultura sustentável

Financia projetos de:

- Educação individual (bolsas e viagens);
- Educação coletiva (eventos, publicações);
- Pesquisas técnicas, com o objetivo de melhorar a fertilidade sustentável do solo com ambiente favorável.

www.agrisus.org.br

ENTREVISTA

Breno Carvalho Pereira

Por Sandra Mastrogiacomio

O engenheiro agrônomo Breno Carvalho Pereira, 61 anos, é formado pela ESALQ/USP, turma 1978. Paulista, vem de uma família de engenheiros agrônomos. “Tenho um sobrinho e também diversos primos na área. Sou descendente das famílias Ribeiro do Valle e Souza Dias, que originaram muitos agrônomos. O mais ilustre de todos foi, sem dúvida, Marcílio de Souza Dias, geneticista, agraciado com a Medalha Luiz de Queiroz no centenário da ESALQ.”

Breno foi presidente da AEASP entre os anos 1997 e 1998, e assumiu para finalizar o mandato de Guido José da Costa, que precisou se afastar. Atualmente, vive em Campinas, interior de São Paulo, e trabalha como consultor em gestão e prospecção de fazendas. Em entrevista ao *Jornal do Engenheiro Agrônomo*, ele conta um pouco de sua história e de sua passagem, como presidente, pela associação.

O que o motivou a fazer engenharia agrônômica?

A motivação veio por intermédio de meu pai, um silvicultor nato e admirador do trabalho de Marcílio de Souza Dias.

Como resume sua trajetória?

Iniciei minha carreira profissional em 1979 no Banco Itaú e logo depois passei no concurso de 1980 do Banco do Brasil, onde fiquei até 1995. O foco do meu trabalho era acompanhar o desempenho agropecuário dos clientes da carteira agrícola do BB. Ministrei cursos sobre cooperativismo e também acompanhei o desempenho das indústrias sucroalcooleiras nas décadas de 1980 e 1990.

Em 1995, deixei o BB e criei a Correnteza Gestão e Investimentos Rurais, que atua até hoje nas áreas de consultoria em gestão e prospecção de fazendas.

Como conheceu a AEASP?

Conheci a AEASP na época de estudante e fiz questão de me associar logo que me formei. Acho fundamental a participação em entidades de classe que sejam democráticas e tenham por princípio a livre adesão.



Arquivo pessoal

Como foi conduzido à presidência da AEASP?

Fui conduzido à presidência pela comissão encarregada de definir a substituição do presidente anterior, que pediu afastamento do cargo. Portanto, fui um presidente atípico.

Como caracterizaria seu trabalho à frente da AEASP?

Minha principal função foi reconduzir a associação para uma situação equilibrada de caixa, uma vez que havia um perigoso risco de default. Ao final do mandato, as contas estavam em ordem e o risco de insolvência afastado.

Atualmente o senhor participa da AEASP?

Atualmente não tenho atuado junto à associação, mas acompanho a atuação da diretoria.

Qual o papel do associativismo para a agricultura e para o engenheiro agrônomo?

Tenho uma antiga aspiração que ainda não se concretizou, que é ver a AEASP trabalhando em prol da sociedade. No meu entender, trabalhar para os próprios associados é um pouco limitado e, às vezes, confundido com corporativismo. Nossa profissão é, por natureza, voltada à prestação de serviços para a comunidade e é servindo a ela que vamos nos projetar como profissionais importantes para a sociedade. O associativismo é fundamental na agricultura. O cooperativismo, que é uma de suas melhores formas, tem diversos exemplos de sucesso no Brasil.

Quais são os principais desafios para o trabalho do engenheiro agrônomo?

O principal desafio para o engenheiro agrônomo de hoje é o de identificar uma tecnologia de produção agrícola que seja menos impactante aos recursos naturais.

Município em foco

O Departamento Municipal de Agricultura e Meio Ambiente é o órgão da prefeitura responsável por planejar, programar, executar, organizar, supervisionar e controlar as políticas públicas inerentes à sua área de atuação, ou seja, agricultura e meio ambiente.

A presença de engenheiros agrônomos nas administrações públicas é de suma importância para o sucesso das ações e dos programas. Só no Estado de São Paulo são 645 municípios. Por essa razão, o JEA faz um especial destacando o trabalho de alguns desses profissionais que enveredaram pelo serviço público.

São Carlos

Situada no interior do Estado de São Paulo, São Carlos possui 238.958 habitantes (IBGE/2014) e é considerada a maior cidade da região e a 13ª do interior em número de residentes. Distante 230 quilômetros da capital paulista, tem um crescimento populacional que gira em torno de 4% ao ano.

Dentre as principais atividades econômicas, estão a indústria e a agricultura. "Atualmente, temos 860 propriedades rurais e o principal cultivo é a cana-de-açúcar, que responde por 40% da produção agrícola. As usinas de álcool são as compradoras da produção", explica o vice-prefeito e secretário da Agricultura, o engenheiro agrônomo Cláudio di Salvo.

Formado pela Universidade Júlio de Mesquita Filho (Unesp), em Ilha Solteira, turma de 1993, Cláudio tem 57 anos e, desde janeiro de 2013, acumula as funções de vice-prefeito e secretário de Agricultura da cidade.

Experiente no setor público, ele conta com quase 20 anos de trajetória política. Já foi secretário municipal de Agricultura entre os anos de 1996 e 1999, é vice-presidente do Sindicato Rural de São Carlos desde 1995 e diretor da escola CETA (Centro Educacional de Tecnologia Ambiental) desde 2010. "Atuando há 18 anos no Sindicato Rural de São Carlos, representando o produtor rural na busca de soluções, você acaba se envolvendo no setor público naturalmente", avalia o executivo.

No total, são 12 horas de expediente por dia. O engenheiro agrônomo trabalha como secretário das 8 às 13 horas e como vice-prefeito das 15 às 20 horas. Ele revela que é a primeira vez que um produtor rural e profissional da área agrônômica chega ao Executivo do município. "O grande desafio é mostrar aos colegas que a participação política se faz necessária para ganhar novos espaços, para o profissional e para a atividade agrícola", comenta Cláudio.

Segundo o engenheiro agrônomo, o Departamento de Agricultura possui um corpo técnico de profissionais que dão assistência técnica aos produtores rurais, principalmente aos agricultores familiares. Já o Departamento de Abastecimento é responsável pela alimentação escolar, servindo 65 mil refeições diárias. A área tem uma equipe de 45 funcionários, três deles engenheiros agrônomos.

Na Secretaria, o trabalho é feito junto aos agricultores familiares na compra de seus produtos em mais de 30% dos recursos destinados pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). "Também temos uma parceria com o Sindicato Rural de São Carlos

e com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) na qualificação e aperfeiçoamento da mão de obra por meio de cursos e programas junto ao produtor rural. E, como vice-prefeito, atuo em conjunto com o prefeito na administração da cidade, além de substituí-lo em caso de ausência", acrescenta Cláudio.

O orçamento do município é de R\$ 699,2 milhões e o da pasta da Agricultura, R\$ 13,1 milhões. "Uma das principais demandas do município é a manutenção das estradas rurais. Com o Programa Melhor Caminho da Codasp do governo estadual, estamos melhorando as vias e comprando novas máquinas", informa ele.

Além de importantes universidades, São Carlos possui duas Embrapas, a Pecuária Sudeste e a Instrumentação, que contribuem para o avanço da agropecuária na região. "A agricultura tem realizado várias pesquisas junto às universidades e às Embrapas, as parcerias são na área de ciência, tecnologia e agricultura. A nossa Pecuária Orgânica Leiteira tem ganhado destaque. São Carlos hoje é conhecida como cidade da tecnologia e do conhecimento", finaliza Cláudio.



Divulgação

Promessa é dívida

Demora nos repasses do seguro rural preocupa produtores e seguradoras

Por Patrícia Jimenes



Antônio Américo de Aquino

Em julho de 2013, o governo federal divulgou o Plano Agrícola Pecuário (PAP) 2013/2014, que trazia novidades como um aumento de 75% na dotação de recursos para o seguro rural, passando de R\$ 400 milhões para R\$ 700 milhões. A meta era atingir uma área segura de mais de 10 milhões de hectares.

Em 2014, o governo federal informou por meio do Conselho Monetário Nacional Civil (CMN) a Resolução nº 4.235, que, entre outras medidas, estabelecia a obrigatoriedade a todos os agricultores que tomavam recursos do sistema de crédito rural a aderirem ao seguro público a partir de julho de 2014 (início da safra 2014/2015). Na época, as notícias foram divulgadas aqui no *Jornal do Engenheiro Agrônomo*, na edição nº 272.

Tais medidas entusiasmarão toda a classe de produtores e seguradoras, que acreditava em um crescimento no número de assegurados e contratos para a próxima safra. Porém, as informações divulgadas e todo o discurso feito nesse período não foram colocados 100% em prática.

Do montante divulgado, apenas R\$ 400 mil foram empenhados pelo governo federal e, desse valor, somente R\$ 10 milhões foram pagos às seguradoras. Já a outra parte, de R\$300 milhões, "se perdeu", uma vez que a União não concretizou a liberação no mesmo exercício orçamentário-financeiro.

Segundo o coordenador da Comissão de Seguro Rural do Estado de São Paulo (Sincor-SP), Antônio Américo de Aquino, houve um atraso no Decreto-lei nº 32/2014, que previa o acréscimo desses R\$ 300 milhões do seguro rural, safra 2014/2015. "O decreto só foi votado no fim do ano e publicado no *Diário Oficial* no dia 31 de dezembro de 2014, impossibilitando o uso desse recurso em tempo hábil", explica.

O orçamento da União de 2015, votado em abril, está estimado em R\$ 668 milhões, mas ainda pode haver contingenciamento. Desse valor, o governo federal vai descontar os R\$ 300 milhões, que não foram disponibilizados no fim de 2014. Dos R\$ 368 milhões que restam, R\$ 90 milhões foram destinados à cultura de trigo e R\$ 2 milhões para as outras culturas de inverno. Sobram R\$ 276 milhões para as demais culturas (inclusive as de verão), mas até agora não houve anúncio sobre o direcionamento dessa quantia.

Outro membro da Comissão de Seguro Rural do Sindicato dos Corretores de Seguros do Estado de São Paulo (Sincor-SP), Álvaro Bucceroni, diz que vê um governo que cumpre suas promessas parcialmente, liberando valores abaixo do que foi prometido e ainda com atraso. "Vamos lembrar que, em 2015, o governo federal também deve para as seguradoras

R\$ 380 milhões referentes à primeira remessa de 2014, além disso, até agora não estabeleceu parâmetros do Plano Safra 2015/2016, o que pode gerar uma situação de risco ainda mais grave", alerta.

Para o secretário executivo do Fundo de Expansão do Agronegócio Paulista (FEAP/SAA), Fernando Penteado, a insegurança é generalizada, as seguradoras podem cobrar os produtores rurais que contrataram o seguro em 2014, pelos valores ainda não pagos pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), principalmente em relação às apólices do segundo semestre de 2014, que estão contabilizadas nos R\$ 300 milhões não empenhados pelo governo. "Neste ano, os poucos produtores que se arriscaram em formalizar o seguro não sabem se terão a subvenção. E os que não aderiram ao seguro plantaram e agora estão torcendo para que as condições climáticas sejam favoráveis ao desenvolvimento de suas lavouras", explica o secretário executivo do FEAP.

No Estado de São Paulo, o programa segue normalmente. Fernando informa que, para este ano, foram aprovados R\$ 25 milhões e, em 2014, o Estado pagou R\$ 32,574 milhões. "No ano passado, foram aprovados R\$ 25 milhões, mas o dinheiro foi sendo liberado conforme cresceu a demanda. O governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, está em dia com todas as seguradoras", garante o secretário executivo do FEAP.

Na opinião do executivo, até 2013, o seguro federal funcionou bem, mesmo com algumas deficiências, como a disponibilização do recurso em épocas não devidas. "Digo isso porque o seguro tem de ser liberado para o produtor antes do plantio. É o que seria correto. O produtor contrata o seguro no planejamento", analisa. Ele afirma que, com o governo federal, na maioria das vezes, isso não acontece. "Eles disponibilizam o dinheiro só no momento do plantio, algo que vem ocorrendo há algum tempo", acrescenta Penteado.

A solução para esse problema seria fazer cumprir o planejamento x empenho de recursos, argumenta o diretor do Instituto Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável do Agronegócio (IBDAgro), Angelo Gemignani. "Teria de haver um acompanhamento permanente por um colegiado representativo do setor, de forma a garantir a estabilidade do programa, afinal, o principal objetivo da subvenção ao seguro rural é garantir a permanência no campo, por meio da mitigação dos riscos inerentes à atividade agropecuária", comenta.

Gemignani cita o modelo de gestão inteligente, desenvolvido pelo IBDAgro e pela Federação Brasileira dos Bancos (Febraban), por meio do Sistema de Gestão de Informações Proagro – Proagro Mais e Seguro Rural – SGIPS. "Em cadastros



Álvaro Bucceroni



únicos, os produtores devem ser incentivados no sentido de possibilitar transparência, compliance, redução de custos aos agentes do mercado segurador, fazendo com que o seguro para a atividade agropecuária seja mais um insumo nos custos de produção das atividades exploradas”, explica.

O diretor do IBD Agro ainda acrescenta como medidas prioritárias ou possíveis alternativas para o período atual. “Acredito que temos de nos empenhar no sentido de ter uma visão de cadeia, buscando maior independência do governo. Precisamos reavaliar os cálculos atuariais dos prêmios, diferenciando-os por tipo de solo, clima, produtividade, tecnologias adotadas etc, e adequar os valores de coberturas para cada uma dessas realidades; não permitir que o custo-benefício seja inviável, pois o prêmio não pode ser um forte onerador no custo de produção; redirecionar para o produtor rural os recursos da subvenção e criar uma competição para estimular a entrada de novas empresas seguradoras e resseguradoras no mercado brasileiro; além de exigir a regulamentação da Lei nº 137 de 26/8/2010 que trata do Fundo de Catástrofe”, enumera Gemignani.

As seguradoras, por sua vez, estão em uma condição complicada, pois comercializaram em 2014 o montante de R\$ 700 milhões, mas até o momento só receberam R\$ 10 milhões. Em 2015, já venderam quase R\$ 200 milhões para a proteção das culturas de inverno (trigo e milho safrinha). Segundo Aquino, para atender à necessidade dos seguros agrícolas, seriam necessários um R\$ 1 bilhão.

Diante desse cenário de indefinições, o coordenador da Comissão de Seguros do Sincor-SP chama a atenção para o fato de que, se o governo federal não atender à demanda dos

agricultores, o Programa de Subvenção Federal poderá ser comprometido e ficar desacreditado. “Isso seria um prejuízo enorme para o agronegócio como um todo, já que esse setor representa 23% do PIB brasileiro e é responsável por 30 milhões de empregos”, lamenta Aquino.

A importância do seguro rural

O seguro rural é um importante instrumento na redução dos riscos da agricultura no mundo e, principalmente, no Brasil, país considerado uma das maiores potências na produção de alimentos, e onde esse instrumento se mostra ainda mais relevante. Foi por essa razão que o governo federal, por meio do MAPA, criou, em 2005, o Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR), que foi paulatinamente transformando o mercado de seguro rural, trazendo maior interesse das empresas seguradoras, em função do aumento da concorrência e maior oferta de seguros com melhor aderência às necessidades do setor produtivo, entre outros benefícios.

Para o coordenador da Comissão de Seguro Rural do Estado de São Paulo (Sincor-SP), Antônio Américo de Aquino, o seguro agrícola é de fundamental importância para o produtor, a seguradora e o governo. “Com essa ferramenta, o agricultor pode planejar sua execução e, se houver um problema climático, ele terá um respaldo do valor. Isso dá uma tranquilidade enorme para o produtor. Para o governo, também é extremamente vantajoso, pois evita que ele tenha de rolar a dívida do produtor caso haja algum evento climático”, ressalta.

A subvenção econômica concedida pelo Ministério da Agricultura pode ser pleiteada por qualquer pessoa física ou jurídica, que cultive ou produza a espécie contemplada pelo programa, além disso, também permite a contemplação de valores por subvenções concedidas por Estados e municípios.



Angelo Gemignani



Fernando Penteado



Adidos agrícolas

A Presidência da República selecionou novos adidos agrícolas para sete países. Essa foi a terceira seleção organizada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) para preencher os postos nas embaixadas do Brasil nos respectivos países. Os escolhidos foram: Márcio Rezende Evaristo Carlos (Bruxelas), Eliana Valéria Covolan Figueiredo, mestre e doutora em Agronomia, (Buenos Aires), engenheiro agrônomo Luis Henrique Barbosa da Silva (Genebra-Suíça), engenheiro agrônomo Antonio Alberto Rocha Oliveira (Moscou-Rússia), Marcelo de Andrade Mota (Tóquio-Japão), Juliano Vieira (Pretória) e Luiz Cláudio de Santana e Caruso (Washington-EUA).

Trabalho dobrado

O Conselho de Administração da Embrapa (Consad) terá novo presidente, o secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), André Meloni Nassar. Engenheiro agrônomo e economista, Nassar ocupa a Secretaria de Política Agrícola do MAPA desde 30 de março deste ano. O Consad, criado em 1997, é um órgão da administração superior e responsável pela organização, controle e avaliação das atividades que, dentre outras atribuições, fixa as políticas de ação da Embrapa.

Professores famosos

Dois professores da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto (FEA-RP) figuram no ranking dos cientistas mais citados de instituições brasileiras, de acordo com o Google Scholar Citations (GSC), organizado pelo Webometrics Ranking of World. Um deles é o engenheiro agrônomo Marcos Fava Neves, do Departamento de Administração. O outro é o economista Reynaldo Fernandes.

Celebração

No dia 22 de maio, a Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA-Unesp), em Botucatu, realizou Sessão Solene da Congregação Comemorativa ao seu Jubileu. Na ocasião, foi lançado o livro comemorativo dos 50 anos da faculdade. O secretário da Agricultura e Abastecimento, Arnaldo Jardim, presente ao evento, congratulou a instituição entregando ao diretor da FCA, João Carlos Cury Saad, uma placa comemorativa.

Balanço da Agrishow 2015

A BTS Informa, organizadora da Agrishow, divulgou um balanço do evento deste ano, que ocorreu entre 27 de abril e 1º de maio. Publicamos parcialmente a seguir: "A Agrishow se posicionou, mais uma vez, como referência do segmento e como o principal termômetro do comportamento do mercado. No total, passaram pela área de 440 mil metros quadrados cerca de 160 mil visitantes, um público altamente qualificado, formado, em sua maioria, por produtores rurais de todo o território nacional e do exterior. Entre as autoridades que marcaram presença no evento, estiveram: o vice-presidente Michel Temer, o governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, os ministros Katia Abreu (Agricultura, Pecuária e Abastecimento), Aldo Rebelo (Ciência e Tecnologia), Edinho Araújo (Portos), Gilberto Kassab (Cidades), o secretário da Agricultura do Estado de São Paulo Arnaldo Jardim, o secretário de Logística e Transporte Duarte Nogueira, além de deputados e senadores.

Também foram recebidos milhares de visitantes convidados para a tradicional caravana de produtores rurais promovida por importantes entidades do segmento, como a Federação da Agricultura e da Pecuária do Estado de São Paulo (FAESP), que este ano envolveu um grupo de mais de 15 mil agricultores. Nesta edição, apesar dos inúmeros desafios pelos quais vem passando a economia nacional, a Agrishow 2015 obteve um volume de negócios expressivos, na ordem de R\$ 1,9 bilhão. As entidades realizadoras da Agrishow, Associação Brasileira do Agronegócio (Abag), Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda), Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de São Paulo (Faesp) e Sociedade Rural Brasileira (SRB), reafirmaram a importância do agronegócio para o país e que uma das esperanças para o reequilíbrio da situação do setor poderá vir do próximo Plano Safra".

A Ciência e o novo trabalhador rural



*Guilherme Luiz Guimarães

Em setembro de 2000, às vésperas da virada do milênio, os 191 países-membros da ONU declararam os Objetivos do Milênio, com oito metas para o desenvolvimento. Reduzir a fome à metade foi eleita como a primeira delas.

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), até 2050 seremos 9 bilhões de habitantes no mundo e, para alimentar a todos, devemos lembrar e agradecer diariamente àqueles que se dedicam a produzir a comida nossa de todo dia: os trabalhadores rurais, que, no Brasil, são homenageados em todo 25 de maio.

Atrelar a essencial figura do trabalhador rural com Ciência, Educação e Tecnologia sela a certeza de que é possível mostrar à sociedade a pertinência de uma agricultura de alto rendimento.

De acordo com a FAO, o Brasil precisará aumentar sua produção em 40% até 2050. Os recordes de produção alcançados nas últimas safras mostram que estamos no caminho certo. Nas últimas décadas, a produção agropecuária brasileira se reinventou e o trabalhador rural também. Graças à adoção da tecnologia pelos pequenos e médios produtores, as lavouras deram um espetacular salto de produtividade e estimularam o homem da roça a buscar conhecimento e usar as mais modernas ferramentas tecnológicas a seu favor. Afinal, uma das missões da tecnologia é justamente auxiliar e facilitar o dia a dia do homem no campo.

Dados da Confederação Nacional da Agricultura mostram que 32% dos empregos no país são gerados pelo agronegócio. São trabalhadores que vêm se tornando cada vez mais capacitados e adaptados às mais modernas ferramentas e soluções tecnológicas. Conhecimento é a palavra-chave.

Outro número que impressiona vem do IBGE. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, mais jovens fora dos grandes centros urbanos estão conseguindo realizar o sonho de entrar para a faculdade. Em apenas uma década, triplicou o número de pessoas que vivem na zona rural e têm mais de 12 anos de estudo.

A otimização da produção reflete de maneira positiva o setor para aqueles que investem na qualificação e profissionalização da mão de obra. E a tecnologia é de grande valia se aliada à educação. Pode-se dizer que a competitividade e rentabilidade do agronegócio brasileiro são fomentadas positivamente se forem somadas à profissionalização do trabalhador rural. É a Ciência chegando aos mais longínquos rincões deste Brasil.

Anos atrás, a impressão era de que os homens do campo jamais utilizariam ferramentas modernas. Hoje, esses trabalhadores são chamados de Doutores do Campo. A visão está mudando e, junto com ela, os homens rurais também. Mas, apesar dos avanços, ainda há muito a ser feito.

Com Ciência, educação e a união de todos os elos dessa cadeia produtiva que vem sustentando o país, oferecemos alimentos a todos e teremos um trabalhador rural cada vez mais motivado e orgulhoso. Aos que lidam com a terra, faça chuva ou faça sol, fica registrado o nosso muito obrigado.

**Guilherme Luiz Guimarães* é engenheiro agrônomo formado pela Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo (ESALQ-USP) e gerente de Regulamentação Federal da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef)

VAGAS PARA ENGENHEIROS AGRÔNOMOS, CURSOS, INFORMAÇÕES RELEVANTES DO AGRO. QUER SABER?

Acompanhe notícias diárias sobre agronomia e agronegócio na Fan Page da AEASP, no Facebook, e no site da associação.

Visite!

www.facebook.com/aeaspng

Site da AEASP: www.aeasp.org.br



REDUÇÃO DE ORÇAMENTO

Governo Federal corta R\$ 69,9 bilhões do orçamento 2015

link: <http://goo.gl/oVpiYf>

BOM DESEMPENHO

Agronegócio projeta resultado positivo em meio a incertezas

link: <http://goo.gl/t3sAeg>

SOJA E MILHO

CNT divulga estudo inédito sobre escoamento de soja e milho

link: <http://goo.gl/Xyw5DM>

PRODUÇÃO ORGÂNICA

Interesse por orgânicos alimenta produção

link: <http://goo.gl/kj2Dyk>

BOM MOMENTO

Produção de etanol bate recorde no Brasil em 2014

CURSOS

Universidade do Café tem inscrições abertas para curso a distância.

Curso On-line: Entomologia

link: <http://goo.gl/gEBKgS>

MAIS DE 240 VAGAS!

MAPA e Inmet abrem concurso público

link: <https://goo.gl/A5g44B>

De olho em sua ART

Prezado associado da AEASP, ao preencher a Anotação de Responsabilidade Técnica (ART) não se esqueça de registrar no campo 31 o número 58. Desta forma, você estará ajudando a AEASP a obter mais recursos, que serão revertidos em seu benefício. Se o emissor deixar o campo 31 em branco, a alíquota não é repassada à nossa entidade. Os tipos de ARTs específicas para o engenheiro agrônomo são as de Obras, Serviços, Receituário Agrônomo, Desempenho de Cargo/Função e Crédito Rural.

A screenshot of a web form for registering an ART (Anotação de Responsabilidade Técnica). The form is titled 'Modelo de ART' and has a 'Selecionar' dropdown menu. It contains several sections with input fields and checkboxes. The 'Responsável Técnico' section includes fields for 'Nome do Profissional', 'CPF', and 'RTP'. The 'Empresa Contratada' section includes fields for 'Empresa Contratada', 'CNPJ', and 'Contratante'. The 'Dados da Obra / Serviço Objeto do Contrato' section includes a 'CEP' field and a 'Tipo de Logradouro' dropdown. There are several 'Campo Obrigatório' labels next to the input fields.

Para anunciar no JEA ou recebê-lo, entre em contato:

Rua 24 de Maio, 104 - 10º andar

CEP: 01041-000 | São Paulo - SP

Tel.: (11) 3221-6322 | Fax: (11) 3221-6930

redacaojea@aeasp.org.br | secretaria@aeasp.org.br

Envie suas sugestões de conteúdo e críticas para o JEA. Encaminhe suas mensagens para:

redacaojea@aeasp.org.br

Jornal do Engenheiro
Agrônomo